

O racismo contra os Roma e a agenda acadêmica branca: pontos cegos ocultos do sistema educacional

Cayetano Fernández¹ 

Resumo

A educação tem sido retratada como o principal “elevador social” para enfrentar as desigualdades internas das sociedades abissais modernas. Os Roma, a maior e mais antiga minoria europeia, são perpetuamente visados como uma população “sensível” no que diz respeito ao acesso e ao sucesso no ensino básico e superior, criando um quadro em que os próprios Roma, desde tenra idade, são considerados um “problema”. A academia, a pesquisa científica e a produção do conhecimento não estão isoladas dessas práticas e do arcabouço político/epistemológico. Nesse sentido, o artigo desvenda sua cumplicidade e responsabilidade na manutenção da ordem branca, sua missão civilizatória moderna em relação aos corpos racializados e sua “ideologia da integração” como único caminho político possível. Este artigo discute a produção acadêmica atual de pesquisas baseadas em evidências no campo da educação sobre os Roma, explorando a semântica e as construções conceituais que enquadram a discussão relacionada à experiência dos Roma no sistema educativo. Além disso, o artigo discute como a codificação conceitual de tal estrutura realmente serve para condicionar as abordagens intelectuais e políticas que tentam ir além da cúmplice “ideologia da integração” ao abordar políticas públicas e educativas.

Palavras-chave: Anticiganismo; Autodeterminação dos Roma; Agenda acadêmica branca.

Abstract

Anti-Roma racism and the white academic agenda: hidden blind-spots of the Education System

Education has been depicted as the main “social elevator” to confront the internal inequalities of modern abyssal societies. Roma, as the largest, ancient European minority, are perpetually targeted as a “sensitive” population in regard to access to and success in basic and higher education, creating a framework where Roma themselves, from an early age, are considered a “problem”. Academia, scientific research and knowledge production are not isolated from these practices and political/epistemological framework. In this sense, the article unravels its complicity and responsibility in the maintenance of the white order, the modern civilisatory mission toward the racialised bodies and the “ideology of integration” as the only possible political path. This paper discusses the current academic production of evidence-based research in the field of education in regards to Roma, exploring the semantics and conceptual constructions that frame the discussion related to the Roma experience in the educative system. Furthermore, the article discusses how the conceptual codification of such a framework actually serves to condition intellectual and political approaches that attempt to go beyond the complicit “ideology of integration” when addressing public and educative policies.

Keywords: Anti-gypsyism; Roma Self-determination; White Academic Agenda.

¹ Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

El racismo antigitano y la agenda académica blanca: Puntos ciegos ocultos del sistema educativo

La educación ha sido descrita como el principal “ascensor social” para hacer frente a las desigualdades internas de las sociedades modernas abisales. Los Roma, como la mayor y más antigua minoría europea, son perpetuamente señalados como una población “sensible” en lo que respecta al acceso y el éxito en la educación básica y superior, creando un marco en el que los propios gitanos, desde una edad temprana, son considerados un “problema”. El mundo académico, la investigación científica y la producción de conocimiento no están aislados de estas prácticas y del marco político/epistemológico. En este sentido, el artículo desentraña su complicidad y responsabilidad en el mantenimiento del orden blanco, la misión civilizatoria moderna hacia los cuerpos racializados y la “ideología de la integración” construida como única vía política posible. Este artículo analiza la actual producción académica de investigación basada en pruebas en el ámbito de la educación en relación con los romaníes, explorando la semántica y las construcciones conceptuales que enmarcan el debate relacionado con la experiencia de los romaníes en el sistema educativo. Además, el artículo analiza cómo la codificación conceptual de dicho marco sirve en realidad para condicionar los enfoques intelectuales y políticos que intentan ir más allá de la complicidad con la “ideología de la integración” al abordar las políticas públicas y educativas aplicadas al pueblo Roma.

Palabras clave: Antigitanismo; Autodeterminación Romaní; Agenda académica blanca.

A academia, a agenda civilizatória branca e a pesquisa sobre os Roma através da educação

A educação tem sido um grande foco de interesse para bolsas de estudo que abordam a atual situação social e política dos Roma. A educação tem sido considerada o principal elemento para preencher a lacuna entre as comunidades segregadas e excluídas e o aumento do acesso à cidadania plena, aos recursos sociais e à “integração”, precisamente pela posição central que a educação regular se relaciona intimamente com as causas do anticiganismo. Muito da situação sociopolítica que os Roma enfrentam, especialmente no estado espanhol, é reduzida a uma simples e muitas vezes, claramente fatalista, casuística, desprovida de qualquer origem determinada ou fim possível. Em outras palavras, para compreender a situação atual dos Roma nos estados espanhóis, é crucial desvendar as causas políticas que, histórica e atualmente, condenaram o povo Kale² a: viver em guetos sujos e lotados no interior do interior metropolitano; fracassar em escolas e colégios (se é que atendem); ser escandalosamente

² A palavra Kale é um termo etnônimo usado pelos Roma espanhóis para se referir a eles próprios e a seus ancestrais. Este artigo evita a referência ao povo Roma com o termo “cigano”, quando eu uso o termo “cigano/a” ou “cigano/outro” é apenas para referir-se à ficção narrativa construída pela epistemologia branca. Para um esclarecimento mais detalhado desta terminologia, ver FERNÁNDEZ, Cayetano. La memoria colectiva romaní y los límites epistemológicos de la historiografía occidental. Em: DE SOUSA SANTOS, Boaventura; SENA MARTIN, Bruno (Orgs.). El pluriverso de los derechos humanos: la diversidad de las luchas por la dignidad: Akal, 2019, p. 447-462.

pobre, com medo da polícia e da administração pública; ser sobrerrepresentado nas prisões do território e se tornar alvo de políticas voltadas para “grupos em risco de exclusão social”; tornar-se objeto de intervenções sociais que, ao invés de trazer soluções para as comunidades, reproduzem a mesma ideologia: controlar, disciplinar e “civilizar” o corpo Roma. Assim, as causas das injustiças vividas pelas comunidades Roma são explicadas, tendo como foco principal os padrões de opressão inaugurados pelo Estado moderno. Portanto, se concordamos que a forma de racismo que atinge nossa comunidade tem raízes históricas e ideológicas específicas, devemos identificar formas concretas de destruir os alicerces dessa realidade miserável ou, se não existem, devemos criá-las. Isto implica atribuir o chamado “fracasso dos Roma na educação” a uma dimensão mais ampla; uma que se baseie na dominação racial e é sustentada por estruturas profundamente enraizadas e sistemas montados de dominação. Como argumentado anteriormente, os sistemas montados de dominância referem-se à:

relação entre as instituições e o povo Roma que tem sido enquadrada sob uma missão “civilizatória”, que vai das práticas mais evidentes de brutalidade policial e assédio judicial aos controles mais sutis e encobertos, exercidos sob práticas paternalistas e assistencialistas de ONGs e outras organizações. O racismo contra os Roma como sistema estrutural de dominação, em sua complexidade, alcançou um quadro político no qual a discussão dessas questões é restringida por diversos subsistemas de legitimação que atuam em conjunto para continuar reproduzindo o mecanismo de dominação racial (FEJZULA, FERNÁNDEZ, no prelo).

É precisamente neste contexto que o elevado nível de atenção dada ao desempenho dos Roma nos sistemas de ensino regular, que supostamente visa melhorar o estatuto dos Roma na educação, se torna totalmente compreensível. No entanto, as experiências anti-Roma têm mostrado que essas práticas e políticas são, na verdade, ideologias ligadas à missão civilizadora/integradora. Por outras palavras, durante décadas, a “questão dos Roma” tornou-se o objeto permanente do diagnóstico convencional, cujo objetivo, supostamente, era melhorar a situação dos Roma. No entanto, como o foco estava apenas na análise dos Roma e não em sua relação mais ampla com o estado e suas instituições, os diagnósticos convencionais acabaram por reproduzir as mesmas hierarquias raciais. Essas hierarquias visam civilizar os Roma dentro do que Fejzula (2019) chamou de “estado de exceção permanente”, em que o *anticiganismo é implantado no reino da “exceção” e os Rom são construídos como uma ameaça ao estado* (p. 2097). Nesse sentido, torna-se crucial compreender o funcionamento do Estado em relação aos Roma; uma relação baseada em diferentes processos de racialização que colocaram os Roma sob o guarda-chuva das políticas sociais, excluindo a possibilidade

de discutir as suas causas políticas. Significa enfrentar o anticiganismo como um produto da modernidade:

O anticiganismo é um sistema de dominação racial que tem raízes históricas na modernidade e que obedece à construção do homem branco europeu como modelo de humanidade, desumanizando todos os outros. Enquanto Roma, não somos considerados humanos o suficiente, portanto, nos é negada a capacidade política de autodeterminação e, ao mesmo tempo, para fechar o círculo, isso serve como uma justificativa para a implementação de uma “ideologia de integração” que busca nos “civilizar” dentro do que eles consideram ser civilização (FERNÁNDEZ apud GARCIA, 2019).

A academia, a pesquisa científica e a produção de conhecimento não estão isoladas dessas práticas e de seu arcabouço político/epistemológico. É necessário, portanto, desvendar sua cumplicidade e responsabilidade na manutenção da ordem branca, sua missão civilizatória moderna para com os corpos racializados e sua “ideologia da integração” como o único caminho político possível. Para tanto, o artigo discute a atual produção acadêmica de pesquisa baseada em evidências no campo da educação em relação aos Roma, a fim de explorar a semântica e as construções conceituais que enquadram o diálogo relacionado à experiência dos Roma no sistema educativo. Além disso, o autor considera como a codificação conceitual de tal quadro realmente condiciona abordagens intelectuais e políticas que tentam ir além da cúmplice “ideologia da integração”, ao abordar políticas públicas e educativas.

As três tautologias

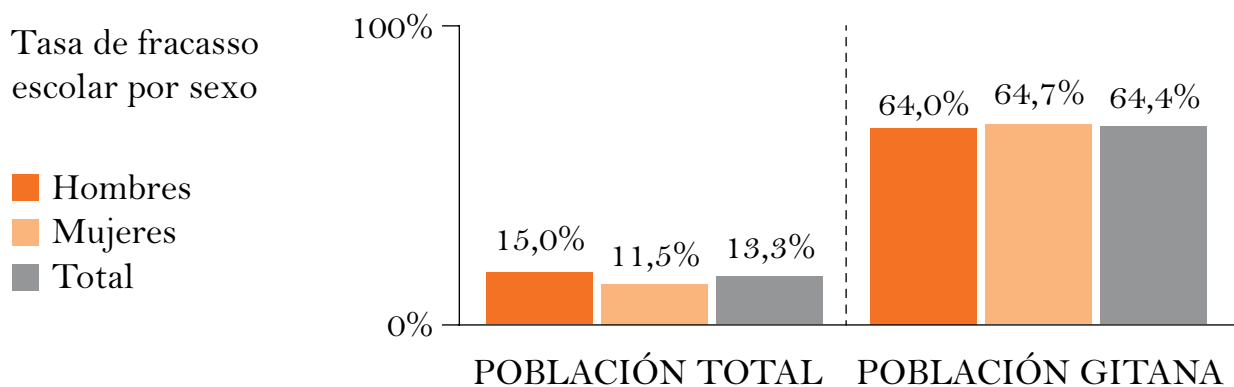
Como sugerido anteriormente, o objetivo deste artigo não é pesquisar os Roma na educação, mas, sim, discutir e analisar o quadro analítico *mainstream* que este debate habita, para problematizá-lo e apontar suas limitações. A este respeito, existem três conceptualizações centrais que normalmente encontramos nas análises de pesquisas, políticas e programações educacionais convencionais quando se trata da discussão sobre os alunos Roma e a educação: 1) o “fracasso dos Roma” na educação; 2) o “mito” da educação como “elevador social”; e 3) a “questão cultural”. Estas três noções, amplamente difundidas no vocabulário e nos discursos políticos em torno da educação dos Roma, são elementos-chave presentes na maioria das compreensões dos desafios contemporâneos no campo da chamada “educação multicultural”. Eles assumiram o papel de “tautologias” porque, independentemente do posicionamento político, das abordagens pedagógicas ou analíticas, para a grande maioria, de uma forma ou de outra, essas três questões serão assumidas como corretas sem maiores questionamentos.

O fracasso dos Roma

Em vários estudos e projetos de pesquisa acadêmica nas últimas décadas pesquisaram, de diferentes ângulos, a questão da educação, no que diz respeito aos alunos Roma, mostrou uma enorme lacuna entre as minorias Roma e a sociedade branca em geral em termos de desempenho educacional e nível de sucesso (ALCALDE, 1997).

Em âmbito nacional, uma das pesquisas mais completas, realizada em 2013, coloca o número alarmante de reprovações dos Roma no ensino secundário em 64,4%, em comparação com 13,3% da população branca dominante (FSG, 2013). Os dados apresentados na Figura demonstram inegavelmente a existência de um problema profundamente enraizado no que diz respeito à trajetória dos Roma nos sistemas educativos nacionais. No entanto, este artigo está focado em algo ainda mais alarmante: a maneira como essa questão foi abordada por instituições educacionais, especialistas em educação e formuladores de políticas. Os constantes apelos ao chamado “fracasso dos Roma” na educação, que se tornaram uma espécie de mantra nesta discussão, obviamente não são imunes à construção discursiva e histórica do “cigano/outro” (FERNÁNDEZ, 2019). Em particular, esta ideologia inquestionável que sustenta e legitima o anticiganismo estrutural praticado nas instituições educativas é exercida numa dupla dimensão: por um lado, “marcando os Roma como inadequados para a escolaridade” (ARAÚJO, 2016) e, por outro, “culpando a vítima” (FÉNYES, 2016; TROYNA, 1993).

Figura – FSG (2013).



A operação semântica de visar os alunos e famílias Roma como a causa do seu fracasso educativo tem um resultado extra: impede qualquer questionamento do próprio sistema como produtor deste fracasso flagrante, bem como a muito conveniente falta de exigência de responsabilização dos órgãos responsáveis.

No entanto, analisando a construção do sistema educacional espanhol, não é difícil reconhecer a absoluta falta de inclusão da história e cultura dos Roma nos currículos oficiais, elaborados pelo Ministério da Educação e aplicados pelos governos regionais. Em termos epistemológicos, essa evidente ausência, somada à violência estrutural exercida sobre o povo Roma em instituições educativas, na forma de segregação ou desautorização moral, criou condições perfeitas para entender a escola e outras instituições educativas como um espaço legitimado anticigano. Dessa forma, o caminho para encontrar soluções efetivas para os problemas enfrentados pelos Roma no campo da educação deve centrar-se nas causas do problema, que começa pelo reconhecimento do fracasso do sistema educativo em relação às comunidades dos Roma.

A educação como elevador social

Um segundo “mantra”, repetido *ad nauseam* na abordagem dominante aos Roma e à educação, bem como no discurso dos representantes de vendedores de projetos de organizações não governamentais (ONG), empresas e seus aliados que decidem políticas públicas, está relacionado à ideia de que a educação é a única porta para a integração e, portanto, para a cidadania plena; uma espécie de panaceia para alcançar status social. Nesse sentido, um caminho bem-sucedido no sistema educacional oferece a promessa de uma mudança radical no futuro posicionamento social dos Roma. Obviamente, as recompensas podem ser muito sedutoras para muitos estudantes Roma; a maioria deles é criada em guetos e espaços segregados na periferia dos centros urbanos, o que talvez seja a razão pela qual a maioria das ONG Roma acabou adotando tal ideologia. No entanto, ao cruzar dados sobre a situação enfrentada pelos Roma na educação e depois no acesso ao mercado de trabalho, verifica-se uma lacuna perceptível, levando-nos a acreditar que a capacidade da educação para superar as desigualdades, no caso dos Roma, é bastante limitada devido às fronteiras raciais.

Quando se trata da experiência dos Roma, a afirmação de que a educação é uma ferramenta importante para remover as desigualdades e transformar as sociedades vem sempre com condições. Estas condições são sempre feitas em nome da “integração” como o único cenário possível e desejável, mas representam nada mais do que uma projeção da modernidade europeia e da sua ambição civilizatória para com os Roma. Como afirma Marta Araújo (2016), “os apelos à integração de populações etnicamente marcadas não são neutros” (p. 301), assim como também não é o quadro

criado sob a concepção do “fracasso dos Roma”; uma questão que revisaremos mais adiante neste artigo.

A “questão cultural”

O terceiro elemento fundamental neste entendimento dominante da educação e dos Roma nas sociedades atuais é provavelmente o mais prejudicial e o mais profundamente enraizado: a essencialização de um choque cultural simbólico, com base no pressuposto dogmático que descreve a cultura Roma como um produto incivilizado, incapaz de ajustar-se harmoniosamente às sociedades modernas. Da academia à mídia política e de massa, todos os tipos de explicações foram oferecidos para realmente culpar nossa cultura como um foco de desajustamento social e, conseqüentemente, a origem do “problema”. Isso provoca um relacionamento conflituoso com a sociedade branca, que continuamente nos associa a: casamentos precoces, altas taxas de natalidade, ociosidade, ligações patológicas com nossas famílias, superproteção dos filhos, falta de respeito à autoridade, fracasso educacional e assim por diante. O que é importante notar a este respeito é que, como Lentin (2011) argumenta, existe um mecanismo por trás deste tipo de acusação cultural: “O resultado evidente da simples substituição de raça por ‘cultura’, ‘etnia’ ou, ainda mais eufemisticamente, ‘origens’ ou ‘identidade’ é o conseqüente banimento do racismo”. A imbricação desses componentes, juntamente com a formulação de políticas, criou uma estrutura teórica que molda a compreensão hegemônica da chamada “falha dos Roma” na educação.

E ainda, mais um diagnóstico

Assim como a educação dos Roma, a habitação, emprego, saúde e outros direitos básicos têm sido intensamente pesquisados por acadêmicos e “especialistas” dos chamados Estudos Romani, a fim de fornecer estudos baseados em evidências para os formuladores de políticas. Isso resultou até mesmo em um campo específico e uma metodologia para pesquisar/inventar o “cigano/outro” como um objeto, chamado “ciganologia” – uma área de interesse muito frutífera desde o século XIX (FERNÁNDEZ, 2016). Uma das principais características deste tipo de estudo é a repetição permanente e recorrente de diagnósticos sociais sobre as questões e problemáticas enfrentadas pelos Roma, a este respeito, a educação desempenha um papel proeminente, ainda que as recomendações bem-intencionadas que acompanham esses diagnósticos pareçam não ser frutíferas.

O Ministério da Educação espanhol tem atuado como editor, colaborador e/ou financiador de 68 monografias específicas sobre os Roma e a educação desde 1977³. Para ilustrar a crítica à abordagem epistemológica dominante neste tipo de investigação, analisarei o conteúdo e as metodologias do estudo nacional intitulado “*El alumnado gitano en secundaria: un estudio comparados*”, realizado pela *Fundación Secretariado Gitano* (FSG, 2013) e publicado pelo Ministério da Educação, com particular enfoque nas ausências que condicionam a sua posterior transformação política. Antes de passar à análise deste volume, gostaria de mencionar que a crítica dirigida a este estudo não deve ser tomada como uma crítica particular da obra, mas sim como uma crítica geral da forma hegemônica de direção à objetificação dos Roma e de sua experiência social na educação. Em outras palavras, a maior parte da investigação acadêmica desenvolvida sobre este tema, com o objectivo de fornecer fontes para as políticas de educação no âmbito da ideologia da integração, teve impacto nulo na vida dos Roma. De fato, em 2010, apenas 3 anos antes da publicação do referido estudo, o mesmo Ministério publicou outro estudo intitulado *Gitanos: de los mercadillos a la escuela y del instituto al futuro* (CREA, 2010), desta vez sob a direção do *Centro de Investigación en Teorías y Prácticas Superadoras de Desigualdades* (CREA)⁴ (*Universitat de Barcelona*). As análises produzidas por estes dois estudos são muito coincidentes no que diz respeito aos resultados acadêmicos alcançados pelos alunos Roma e às causas subjacentes que provocam tais resultados. Particularmente relevante é o fato de que as recomendações feitas pela equipe de pesquisa do CREA estão totalmente de acordo, em termos gerais, com as recomendações trazidas pelo FSG três anos depois. Ambas as pesquisas foram realizadas a pedido do Ministério da Educação e sob sua supervisão, o que nos leva a uma questão pertinente: quantos diagnósticos mais são necessários para que soluções reais e eficazes sejam abordadas?

Os dados mais amplamente divulgados de *El alumnado gitano en secundaria: un estudio comparados* (FSG, 2013) foi a diferença mencionada no insucesso escolar entre alunos Roma e não Roma (64% para os Roma e 13% no caso da população em geral). Uma questão metodológica anterior precisa ser abordada aqui: em quais dados

³ A lista de publicações está disponível na biblioteca do Ministério da Educação espanhol: http://biblioteca-central.educacion.gob.es/*spi.

⁴ Centro de Pesquisa em Teorias e Práticas para Superar Desigualdades (CREA) – *University of Barcelona*.

demográficos esses números se baseiam? Não é uma questão ingênua, especialmente levando em consideração que a coleta de dados étnicos e a criação de um censo étnico como uma ferramenta política para estabelecer uma política de reparação histórica são considerados inconstitucionais pela legislação espanhola. Embora o censo étnico tenha sido uma demanda do movimento dos Roma na Espanha na última década, as críticas permanecem sobre a improbabilidade dos dados oficiais, que mantiveram um número estático dos Roma espanhóis em 650.000 desde os anos 1980, chegando até um milhão nos últimos anos.

Uma segunda questão metodológica relativa a esta abordagem comparativa se refere à omissão do *background* socioeconômico das amostras comparadas, como ocorre ao comparar a taxa de matrícula:

Se tomarmos como indicador a taxa de escolaridade líquida, que mede a relação entre o número de alunos matriculados e a população total, é importante destacar o fosso existente entre a escolaridade da população Roma e a população total. No entanto, é importante destacar que até os 14 anos os níveis de escolaridade são semelhantes, com diferença de no máximo cinco pontos percentuais. Aos 12 anos, por exemplo, enquanto para a população em geral os valores ficam em 99,2%, para a população Roma apenas cai para 98,6%. É na faixa dos 16 aos 20 anos que se detectam diferenças substanciais entre as taxas de escolaridade, que atingem 50,4 pontos percentuais aos 18 anos, visto que enquanto 71,1% dos jovens como um todo estudam, no caso dos jovens Roma a percentagem cai para 20,8%. Portanto, a primeira conclusão é que os jovens Roma estudam menos do que a população média, pelo menos em termos de educação formal (FSG, 2013).

É importante levar em consideração a situação social e econômica das famílias envolvidas no estudo; comparando, por exemplo, o resultado acadêmico dos estudantes Roma dos guetos, onde a educação pública é extremamente básica e pobre, com os estudantes de Gadje de bairros ricos. Evitar tal comparativo equivale a ofuscar o racismo estrutural, ao mesmo tempo que reforça o privilégio branco e a imagem construída dos Roma como um povo incivilizado, insatisfeito com a educação e com os interesses culturais, produzidos pela Modernidade Europeia. Eu arriscaria afirmar que uma análise mais profunda do racismo estrutural irá centrar a responsabilização e cumplicidade de escolas, universidades, instituições educativas e agendas de pesquisa como causas e produtores de racismo institucional, que, por sua vez, moldaria um quadro muito diferente da situação dos Roma na educação e suas possíveis soluções. No entanto, esse campo prolixo de pesquisa não parece ser muito persuasivo e de grande importância para a maioria das pesquisas dominantes desenvolvidas sobre o tema até agora.

Um diagnóstico das ausências

Em suma, o principal problema desse tipo de diagnóstico, mais do que o que é dito, está relacionado com o que é evitado e deixado de lado. Como argumentado por Tom et al. (2017), as ausências são extremamente relevantes para compreender o fracasso da “padronização” educativa de alunos Roma e não Roma no sistema de ensino espanhol. Uma das questões mais alarmantes escondidas por esta análise é a violência. A experiência escolar dos Roma é marcada pela violência, expressa e vivida de várias formas. Às vezes, pode ser simbólico, como demonstra a chocante falta de inclusão da história e da cultura Roma no currículo oficial do ensino obrigatório. Curiosamente, muitas dessas pesquisas diagnósticas (por exemplo, FSG, 2013, CREA 2010, entre outros) incluem entre suas recomendações, ano após ano, questões de: “Incorporação de elementos relacionados com a promoção do conhecimento da comunidade Roma nos centros educativos numa perspectiva intercultural”, ou ainda apontar a necessidade de “Formação do corpo docente em todos aqueles aspectos relacionados com a atenção à diversidade dos estudantes” (FSG, 2013). No entanto, não existe uma referência crítica sobre as condições que permitiram tal desconhecimento sobre o povo Roma, a sua história e cultura, após mais de seis séculos de convivência social.

Infelizmente, o simbólico não é o único tipo de violência que os jovens Roma enfrentam na escola; a segregação dentro da sala de aula é uma experiência forte de exclusão que muitos jovens Roma conhecem bem desde muito cedo. A prática muito comum de retirar alunos Roma da sala de aula “para o seu próprio bem” ou para frequentar o “ensino integral” (“*clases diversificadas*”, no sistema espanhol) deixa marcas, não só no percurso escolar destes alunos, mas também em sua própria autopercepção e estigma social. No entanto, a face mais violenta dessa experiência é, de longe, ser educado em um sistema que mina constantemente sua fibra moral ao, de forma explícita ou implícita, relembrar o quão indignos você, sua família, seus ancestrais, sua história e cultura são. Os efeitos psicológicos dessas experiências na escola às vezes são muito profundos e têm um efeito de condicionamento ao longo da vida, como foi descrito pelo experimento de Rosenthal e Jacobson (1968) “Pigmalião na sala de aula”. Além disso, esses fatores precisam ser entendidos como produtores de “racismo internalizado” e normalizadores das desigualdades sociais, o que leva os jovens Roma a serem eventualmente afetados por mensagens persistentes como “você é o problema”, “aquele que não se encaixa”, “o culpado”, e outras construções raciais ideológicas sobre as quais sua educação formal é construída.

Embora o conceito de estigmatização tenha sido comumente usado por ONG e estudiosos para representar a situação dos Roma, ainda assim, o conceito de estigma dificilmente foi discutido em relação ao racismo estrutural. Na verdade, até poucos anos atrás, essas instituições relutavam em falar abertamente sobre o racismo contra os Roma. Provavelmente, esta não é uma particularidade enfrentada apenas pelos ciganos, mas sim um padrão comum de funcionamento da brancura dentro da academia. Ao analisar um dos trabalhos mais influentes sobre estudos de estigma, o livro canônico de Erving Goffman (2009) publicado pela primeira vez em 1963 “*Stigma: Notes on the Management of a Spoiled Identity*”, Tyler (2018) nota esses silêncios e esse olhar evasivo:

Perto do final do Estigma, ele admite que a estigmatização é historicamente específica nas formas que assume (p. 138), observa que “mudanças ocorreram nos tipos de desgraça que despertam preocupação” e reconhece implicitamente que o estigma funciona “como um meio de controle social formal” (p. 139). No entanto, ele expressa pouca curiosidade sobre de onde vêm as normas, o que prescrevem, quais podem ser os efeitos dessas prescrições ou como podem ser desafiadas ou transformadas. Em vez disso, ele se preocupa em detalhar as operações mais abstratas do sistema dentro das quais ocorrem as interações face a face, de maneiras brandas ou desordenadas (p. 750-1).

No caso dos Roma, a situação não difere muito da experiência discutida por Tyler (2018) do ponto de vista da epistemologia negra. As abordagens de investigação dominantes limitam o impacto da estigmatização sofrida pelos Roma principalmente ao comportamento individual de alguns professores em particular, deixando de lado o componente estrutural. Normalmente, essas abordagens acadêmicas não têm qualquer intenção de questionar os próprios fundamentos onde se encontram os processos de estigma dos Roma, porque, assim, solicitaria a compreensão e o confronto da branquitude como um elemento epistemológico e organizacional chave do próprio sistema educacional atual.

Os processos aqui analisados fizeram com que escolas e universidades aparecessem como espaços em branco aos olhos dos Roma, fazendo com que eles sentissem que essas instituições não são seus espaços, por vezes até temendo pelos seus filhos e relutantes em expô-los às formas de violência acima mencionadas. Ainda assim, vários “especialistas” em Roma que estão pensando em resolver a questão da educação, precisam analisar e confrontar os tentáculos do anticiganismo neste campo, em vez de apenas culpar a vítima. Ao jogar na cara das famílias dos Roma que o problema é a sua falta de cuidado com a educação dos filhos e o seu descontentamento com a escola,

para esses “especialistas” e pesquisadores, essa questão se tornou um critério de alcance para políticas públicas e trabalhos de ONG, quando afirmam:

Em termos gerais, este estudo indica que o nível educacional da população Roma tem “progressivamente” melhorado durante as últimas décadas e destaca que a escolarização generalizada das crianças Roma e uma visão mais positiva da educação e da escola por parte da comunidade Roma tornou isso possível para que os jovens Roma atinjam “níveis de educação mais elevados do que os da geração anterior” (FSG, 2013).

Esses critérios tendenciosos se tornam ainda mais evidentes e cheios de suspeitas quando o gênero faz parte da análise:

[...] a permanência nas salas de aula dos meninos Roma é superior à das mulheres, o que não condiz com a tendência atual da sociedade majoritária, onde a escolaridade e o sucesso escolar das mulheres vão além do ensino médio obrigatório. Mesmo assim, as mulheres Roma que conseguem permanecer no sistema educacional têm níveis de sucesso mais elevados do que os homens. O que é complicado é determinar em que medida a mudança nas atitudes e valores da comunidade Roma teve impacto nestes processos. Embora ainda distante da sociedade majoritária, a subida dos níveis de conclusão dos estudos, que a princípio pressupõe uma maior abertura a estruturas de pensamento mais modernas, parece ter iniciado um avanço tímido em termos de educação de menores, embora seja verdade que ainda existem certas contradições em alguns setores que não adaptam bem seus discursos à realidade atual (LAPARRA, 2011, p. 114).

Outra ausência importante no diagnóstico é a exclusão do impacto da guetização na educação dos Roma. A maioria dos jovens Roma na Espanha é criada em guetos criados durante o final dos anos 1970 e início dos anos 1980 na Espanha, por meio de um processo comum de esvaziamento dos centros urbanos para novas realocações periféricas. O mesmo padrão e período de tempo deram origem ao “*El Vacíe*” em Sevilha após a remoção dos Roma de Triana, o caso de “*Campo de la Bota*” após o despejo de Somorrostro em Barcelona, ou a fabricação de “*Almanjayar*” em Granada após o despejo forçado de Sacromonte, entre muitos outros. Todos esses guetos compartilham as condições de serem racialmente construídos. Muitos deles hospedam escolas segregadas dentro de seus limites geográficos, dirigidos por professores Gadje, mediadores culturais bem-intencionados liderados por ONG, influenciados especialmente pelas constantes mudanças na legislação educacional. Os limites dos guetos são espacialmente definidos por fronteiras raciais. Sendo assim, as experiências dos jovens Roma que são criados dentro dessas fronteiras geográficas são marcadas pelos mesmos limites raciais, que, como José Heredia indica, ocupam a expressão dos medos da sociedade dominante:

No caso dos guetos Roma, estes bairros situados nos subúrbios, literalmente situados nas margens das cidades, traduzem geograficamente o medo coletivo da sociedade espanhola em relação a uma comunidade étnica que ainda continua a ver como uma cultura alheia, apesar de mais de 600 anos de convivência e intercâmbios culturais (CORTÉS, 2016).

A intenção por trás de todas essas narrativas, a própria condição de possibilidade, está inteiramente ligada à ideologia da integração como uma missão civilizadora baseada no privilégio branco. Estas práticas, de fato, não só excluem qualquer possibilidade de se discutir o racismo, mas, além disso, o normalizam.

A narrativa da inocência e políticas de aparência

As questões discutidas anteriormente, juntamente com a sua co-implicação com a “ideologia da integração”, criaram o quadro analítico dominante para a questão da educação em relação à população Roma. A epistemologia dominante do “cigano/outro” acaba legitimando uma “narrativa de inocência”, por entender a segregação escolar e outras formas de violência exercidas pelo racismo institucional como “falhas corrigíveis involuntárias”, em vez de abordar essa questão como reprodução e legitimação de racismo estrutural. Isto não é apenas analiticamente equivocado, mas também uma conveniente distorção epistemológica da realidade enfrentada por milhares de estudantes e famílias Roma.

Sob esse ponto de vista epistemológico, não há espaço para a responsabilização dos danos causados pelas escolas e pelo próprio sistema educacional como estruturas racistas; inversamente, deste ponto de vista, a culpa é apenas de um lado: os Roma. Tampouco essa abordagem hegemônica oferece espaço, ou tem interesse em buscar a responsabilidade política para o impacto nocivo das políticas públicas na vida das mesmas pessoas visadas por tal engenharia política; em vez disso, como Maeso (2015) aponta, essas mesmas políticas são concebidas sob o projeto ideológico de “civilizar os Roma”.

Várias medidas foram tomadas ao longo dos anos para criar uma aparência de que há mudanças no sistema educacional para os alunos Roma, mas sempre se deixa intocado o cerne do problema: o anticiganismo. Iniciativas deste tipo são a criação de “escolas-ponte” para os Roma (*escuelas puente*) nos anos 1980, a atual designação de “centros escolares de difícil desempenho” (*centros de difícil desempeño*), onde apenas os professores que manifestam seu interesse para trabalhar lá são enviados para ensinar.

Ao mesmo tempo, comunidades de aprendizagem, programas de garantia social como o programa de iniciação profissional, ou qualquer outro programa de orientação social, só serviram para retirar os Roma das salas de aula, o que, pelos seus resultados, junto a tantas outras iniciativas do mesmo gênero, precisam ser avaliados como uma falha completa.

Tal cenário político e conceitual provoca a vontade bem-intencionada de transformar escolas em “espaços inclusivos”. No entanto, quando se trata dos Roma, tais nobres intenções tornam-se ferramentas de opressão e perpetuam diferentes tipos de violência para tentar alcançar alguma ideia abstrata de integração, que nunca será totalmente atingível, apesar de ser proferida como a resposta final. Para o povo Roma, o resultado da ideologia da integração é muito diferente do que promete, como afirma Araújo (2016): “A integração como solução longe de ter conseguido reverter os pressupostos racistas que estavam na raiz da segregação e, de fato, contribuiu para a legitimação do racismo por meio da culturalização das relações sociais e do conflito político” (p. 316).

Visando uma saída: rumo a um sistema educacional Roma autodeterminado e autônomo

A segregação dos estudantes Roma, que partilham um destino com as comunidades das antigas colônias, representa uma realidade avassaladora em centenas de centros educativos de todo o território espanhol. Sem exceções, tem sido denunciada como antissistêmico por organizações como a Agência da União Europeia dos Direitos Fundamentais (FRA, 2017) ou mesmo pelo *Ombudsman* (VILIKOVSKA, 2013). Se as famílias Roma são segregadas nos espaços públicos da cidade, deslocadas para os bairros periféricos, a escola-gueto representa apenas mais uma forma de fortalecer a continuidade de uma existência precária e subdesenvolvida para uma comunidade humana, cujo domínio de sucesso depende, fundamentalmente, de sua claudicação a um destino de morte social que é fabricado por essas instituições.

No entanto, o que realmente deve chamar a nossa atenção e nos preocupar não são estas instituições supostamente neutras, mas o fato de também existirem escolas onde a percentagem de crianças e migrantes Roma atinge a esmagadora maioria. A questão é que esta é uma realidade que está longe de ser inofensiva e intercultural. A realidade vivida por esses jovens em escolas segregadas é simplesmente insuportável.

Logo, esses meninos e meninas aprendem que são inferiores, que não têm a capacidade de aspirar aos seus verdadeiros objetivos, mas que devem se contentar em ocupar o lugar subalterno de seus pais: o suposto lugar natural dos Roma na sociedade europeia contemporânea. É neste clima de controle, de desprezo e esquecimento que aprendem a lição mais importante e funcional sobre o sistema que os oprime: não vale a pena lutar.

Ousaria advertir que uma das frentes fundamentais do emergente antirracismo do Estado espanhol deveria ser a segregação racial do sistema educacional. Como em tantas outras frentes, a experiência dos Roma pode esclarecer pontos cegos fundamentais da análise e da luta antirracistas. Obviamente, esta realidade não é apenas enfrentada pelos Roma, mas, sim, é uma experiência compartilhada com outras comunidades racializadas. Para ganhar força na denúncia da falácia nefasta da integração, basta olhar para o que nos aconteceu nestes territórios durante os últimos cinco séculos. Denunciar a perversa dinâmica institucional que direciona nossos jovens a esses centros segregados, confrontando publicamente sua situação e as condições que a tornam possíveis por meio de campanhas midiáticas de informação e rejeição do status quo se consolida atualmente como uma necessidade urgente no campo antirracista. Foi dito que a chave para a nossa percepção sobre esta questão é deixar de presumir que os jovens Roma falham no sistema educativo e, em vez disso, devemos continuar a denunciar que é o sistema educativo que os reprova. Não é verdade; o sistema educacional não falha. Na verdade, ele atinge com sucesso seus objetivos ano após ano: frustrar e tornar subalternos os jovens Roma, assim como outros jovens racializados. Portanto, não se trata de abrigar uma perspectiva ingênua sobre as supostas nobres intenções e tristes fracassos do sistema educacional, mas sim, apontá-los como um dispositivo-chave de controle e poder, bem como uma esteira transportadora do racismo institucional.

Depois de todos os argumentos discutidos anteriormente, há uma questão-chave que precisa ser abordada: a história contemporânea da política educacional e das práticas educacionais no estado espanhol mostra-se incapaz de trazer qualquer solução real para o racismo estrutural enfrentado pelos Roma em seu percurso educativo. Ou seja, não há espaço para uma alteração particular das estruturas educativas em uma sociedade construída e articulada por fundamentos raciais. A segregação não é desejável para nenhum coletivo humano, no entanto, para nós, na maioria dos casos, a segregação é imposta pelo anticiganismo estrutural. É neste contexto que a segregação e a guetização se tornam processos políticos, fontes de resistência e pontos de vista pela dignidade do nosso povo. Eles poderiam acolher o potencial para uma nova forma de

educação, capaz de enfrentar o racismo estrutural e fornecer a educação de que as futuras gerações Roma precisam – escolas autônomas capazes de trazer treinamento acadêmico, consciência política antirracista e orgulho. Somente um sistema educacional e um currículo capazes de seguir esses padrões e regidos pelas mesmas pessoas a quem se dirigem conseguirão superar o fracasso do sistema educacional atual que, por todos os meios, deve ser radicalmente descolonizado e transformado.

Referências

ALCALDE, J. E. A. *La escolarización de los niños gitanos: el desconcierto de los mensajes doble-vinculares y la apuesta por los vínculos sociales y afectivos*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 1997.

ARAÚJO, M. A very ‘prudent integration’: white flight, school segregation and the depoliticization of (anti-) racism. *Race Ethnicity and Education*, Abingdon, v. 19, n. 2, p. 300-23, 2016. <https://doi.org/10.1080/13613324.2014.969225>

CORTÉS, I. “El amor y la ira”: entrevista a José Heredia. *Huffington Post*, Aug. 2, 2016. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.es/ismael-cortes/el-amor-y-la-ira-entrevista_b_9167900.html>. Acesso em: 25 jun. 2018.

CREA, Centro de investigación en Teorías y Prácticas Superadoras de Desigualdades. *Gitanos: de los mercadillos a la escuela y del instituto al futuro*. Madrid. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2010. Disponível em: <<https://sede.educacion.gob.es/publiventa/gitanos-de-los-mercadillos-a-la-escuela-y-del-instituto-al-futuro/educacion-inmigracion-gitanos/13857>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

EUROPEAN UNION AGENCY FOR FUNDAMENTAL RIGHTS – FRA. *Informe sobre los derechos fundamentales 2017 dictámenes de la FRA*. Vienna, 2017. Disponível em: <fra.europa.eu/sites/.../fra.../fra-2017-fundamental-rights-report-2017-opinions_es.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

FEJZULA, S. The anti-Roma Europe: modern ways of disciplining the Roma body in urban spaces. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 2097-116, jul./set. 2019. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2019/43882>

FEJZULA, S.; FERNÁNDEZ, C. Anti-Roma racism, social work and the white civilisatory mission. In: WEBB, S. A. (Ed.). *Handbook of critical social work*. Abingdon: Routledge, no prelo.

FÉNYES, C. *Paved with intentions: interpretation, framing and social construction in Roma education policies*. 2016. Dissertation (PHD) — Faculty of Humanities, University of Pécs, Pécs, 2016. Disponível em: <<http://pea.lib.pte.hu/bitstream/handle/pea/16345/feny-es-csaba-tezis-eng-2017.pdf?sequence=3&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 jun, 2018.

FERNÁNDEZ, C. La memoria colectiva romaní y los límites epistemológicos de la historiografía occidental. In: SANTOS, B. S.; SENA MARTIN, B. (Orgs.). *El pluriverso de los derechos humanos: la diversidad de las luchas por la dignidad*. Madrid: Akal, 2019. p. 447-62.

FERNÁNDEZ, C. Who's teaching romani studies? *Open Society Foundations Voices*, Jan. 15, 2016. Disponível em: <<https://www.opensocietyfoundations.org/voices/two-milestones-put-romani-cultural-discourse-hands-roma-themselves>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

FUNDACIÓN SECRETARIADO GITANO – FSG. *El alumnado gitano en secundaria: un estudio comparado*. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2013.

GARCÍA, E. Cayetano Fernández: “El racismo es un producto histórico de la modernidad europea”. *El Sato*, 17 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.elsaltodiario.com/pueblo-gitano/cayetano-fernandez-racismo-producto-historico-modernidad-europea>>. Acessado em: 23 jan, 2021.

GOFFMAN, E. *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. New York, NY: Simon and Schuster, 2009.

LAPARRA, M. (Coord.). *Diagnóstico social de la comunidad gitana en España: un análisis de la encuesta del CIS a Hogares de Población Gitana*. Madrid: Ministerio de Sanidad, Política Social e Igualdad, 2011. Disponível em: <https://www.msssi.gob.es/ssi/familiasInfancia/inclusionSocial/poblacionGitana/docs/diagnosticosocial_autores.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

LENTIN, A. Imagining the west/seeing race. In: BOTTICI, C.; CHALLAND, B. (Orgs.). *The politics of imagination*. London: Birkbeck Law, 2011. p. 109-23.

MAESO, S. R. ‘Civilising’ the Roma? The depoliticisation of (anti-)racism within the politics of integration. *Identities*, London, v. 22, n. 1, p. 53-70, 2015. <https://doi.org/10.1080/1070289X.2014.931234>

ROSENTHAL, R.; JACOBSON, L. Pygmalion in the classroom. *The Urban Review*, v. 3, n. 1, p. 16-20, set. 1968. <https://doi.org/10.1007/BF02322211>

TOM, M. N.; SUÁREZ-KRABBE, J.; CABALLERO CASTRO, T. Pedagogy of absence, conflict, and emergence: contributions to the decolonization of education from the native american, afro-portuguese, and romani experiences. *Comparative Education Review*, Pittsburgh, v. 61, n. S1, p. S121-45, maio 2017. <https://doi.org/10.1086/690219>

TROYNA, B. *Racism and education: research perspectives*. Buckingham: Open University, 1993. (Modern educational thought).

TYLER, I. Resituating Erving Goffman: from stigma power to black power. *The Sociological Review*, v. 66, n. 4, p. 744–765, jun. 2018. <https://doi.org/10.1177/0038026118777450>

VILIKOVSKA, Z. Ombudsman’s report points to Roma segregation in schools. *The Slovak Spectator*, 27 ago. 2013. Disponível em: <<https://spectator.sme.sk/c/20048023/ombudsmans-report-points-to-roma-segregation-in-schools.html>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

Submetido em: 28/06/2021

Aceito em: 17/09/2021

Sobre os autores

Cayetano Fernández

Pesquisador do Centro de Estudos Sociais (CES), atualmente integrado ao projeto POLITICS - A política anti-racismo na Europa e América Latina: produção de conhecimento, tomada de decisões e lutas coletivas, particularmente na corrente de pesquisa “Culturas acadêmicas e Universidades Estaduais: o estudo do racismo e do (pós)colonialismo no ensino superior”. Em colaboração com a Universidade de Granada (Espanha) e outras entidades, ele tem trabalhado em várias pesquisas relacionadas aos Roma em diferentes campos, como o acesso à educação da comunidade Kale, o processo de migração dos Roma do leste para o oeste da Europa, o papel histórico dos Roma envolvidos na guerra civil espanhola e o status contemporâneo da língua Kale como construtor de identidade política entre os Roma espanhóis. Atualmente seu tema de pesquisa está focado no racismo na Academia, particularmente no anti-ciganismo produzido no campo dos chamados Romani Studies. Anteriormente, como pesquisador, conduziu pesquisas no departamento de Estudos Nativos Americanos da Universidade Estadual de Montana (EUA) e como doutorando no departamento de Sociologia e Antropologia Social da Universidade Central Européia (Hungria). Atualmente, ele faz parte da organização descolonial Romani Kale Amenge, um projeto que visa vincular a produção de conhecimento sobre os Roma e a defesa de seus interesses políticos.

E-mail: E-mail: cayetano.fdez@gmail.com